

Ilustração Portuguesa



Foto. Brasif
LISBOA

II SÉRIE - Nº 744
24 DE MAIO DE 1920

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
 Editor — ANTONIO MARIA LOPES
 NUMERO AVULSO. 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
 Trimestre 2\$60 ctv.
 Semestre 5\$00 »
 Ano 10\$00 »
 Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD
 Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lombrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram.

Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 reis.

INSTITUTO CLINICO DO RADIUM

Direcção tecnica do medico **Dr. DECIO FERREIRA**
 350 miligramas de Radium

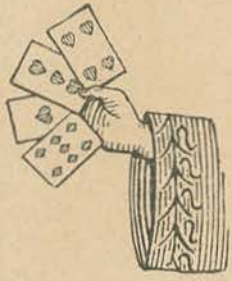


Tratamentos pelo Emanatorio e pela agua radioactiva, Raios A, Alta frequencia (Darsonzificação), Banhos hidroelectricos, de Luz e Ar quente, Electroterapia

Tratamento e cura do **GANGRO**, Angiomas, Nevus vasculares e pigmentares, **manchas de vinho**, Queloides e cicatrizes viciosas. Tuberculosos cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Lupus, pruridos, nevrodermites, acné, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. Metrites, Uretrites cronicas, bienorragia e suas complicações. Conjuntivites. Ozene. Manifestações terciarias da sífilis. Artristismo, gota, reumatismo, ciatica. Asma, diabetes, bocio. Doenças da pele, do coração, neuralgias, nevrites, paralisias, hipertensão arterial, arteriosclerose, dilatação da aorta, tumores, etc., etc. Aposentos para doentes.

RUA GARRETT, 61 — Telef. C.-2:570

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.
Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.
 Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.
Calçada da Patriarcal, n.º 2.1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina).

CULTURA ESTETICA

A mulher consegue aperfeiçoar-se como uma Venus, consultando MADAME

CAMPOS Directora da

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 23

Telefone 3641

CONSULTAS GRATUITAS ENVIANDO ESTAMPILHA

Casamentos rapidos e vantajosos

170.000

pezos ouro entregam-se a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a **Matrimonial Club of New-York, Porto**. contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.
 Franquear cartas para resposta segura.

Reconstituente
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALH

Creanças, Convalescentes
Tratamento das enterites

& Rua Fagundes

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 744

Lisboa, 24 de Maio de 1920

20 Centavos

CRONICA

A INSTRUÇÃO SECUNDARIA

Depois de uma preparação primaria de resultados por enquanto vagos e imprecisos, para

a qual nem ao menos ha professores oficialmente habilitados, o estudante matricula-se no liceu, que se encarrega, segundo opiniões insuspeitas, de quem sabe o que é pedagogia, de o atrofiar e inutilisar para a sociedade. Isto se tem dito e repetido centos de vezes, sem que os clamores cheguem a ser ouvidos por quem os deve ouvir, isto tem provado no *Seculo*, edição da noite, n'uma

serie de artigos em que os argumentos abundam, um dos nossos normalistas mais considerados.

O mestre, diz o sr. Anibal Passos, açambarca o estudante, em prejuizo e com exclusão dos outros elementos educativos. A esse pseudo-educador entregamos nossos filhos, na idade em que precisam de sentir a natureza e a vida, para lhes ministrar uma complicada mixórdia de conhecimentos que não podem aprender, que lhes envolvem o cerebro n'uma camada espessa e isoladora, atravez da qual é impossivel penetrar um raio de alegria, que é a hygiene da alma. Daí, a triste figura que fazem depois em cursos superiores e mais tarde na sociedade, dizendo, escrevendo e praticando veleidades que d'antes conquistariam a reprovação nas primeiras letras.

Procura-se com boa vontade e louvavel afan resolver os problemas economico e financeiro; porque não se hão de empregar os mesmos esforços na solução de um problema tão intimamente ligado áqueles e a todos os problemas nacionais, que, no fim de contas, sobre este assentam?

CONDECORAÇÕES

Aventa-se a idéa de uma contribuição sobre as mercês honorificas concedidas pelos governos da Republica, alegando-se que o regimen depositado cobrava de habitos, comendas, gran-cruzes, etc. quantias avultadas e que se vão promover agravamentos e criação de impostos com incidencias menos justificaveis.

E' uma opinião com que não concordamos, sem deixarmos de fazer justiça á excelente intenção de quem a apresentou; e não concordamos porque estabelecer semelhantes taxas o mesmo seria que tributar o merito, molestando-o em vez de o premiar. Não

contribuiu ele suficientemente, pelo seu prestimo, para o bem do Estado? Aplicar-lhe taxas não seria,

possivelmente, levantar a desconfiança de que se quiz, não recompensar serviços mas explorar vaidades?

Que a Republica tem sido prodiga em tais concessões, diz-se com insistencia; deixemos acreditar que essa prodigalidade corresponde a um excesso de aptidões e de sacrificios pela patria e não á necessidade de encher os cofres publicos.

CICLISTA AQUATICO

Um moço de 20 anos, o sr. Fernando Figueiredo, propõe-se a atravessar o Tejo n'uma bicicleta vulgar, a que adaptará certo aparelho da sua invenção, com o qual já fez na baía do Funchal experiencias coroadas de exito.



O inventor, que temos o prazer de conhecer pessoalmente, era ainda ha pouco tempo aluno do Instituto Superior do Comercio, isto é, frequentou recentemente os preparatorios li-

ceais, o que parece desmentir as nossas afirmações sobre a improficuidade do ensino secundario. E' aparente essa contradicção; no caso presente ha excepções, como em todas as regras, e aqui as excepções são precisamente os rapazes que «não dão conta de si» no dizer dos mestres, que reagem, não por espirito de preguiça mas por espontaneo bom senso, contra as deshumanidades a que pretendem sujeita-los.

Estamos convencidos, embora nada nos autorise a assevera-lo, que o sr. Fernando Figueiredo, não deu no liceu «boa conta de si». Ainda bem.

LIVROS

Ha pouco quem cultive a literatura alegre entre nós, e essa falta, que tem sido de todos os tempos, dando ao estrangeiro que nos lê a falsa impressão de que somos um povo sisudo, mais se tem accentuado atualmente, por motivos obvios. Assim, é muito de apreciar o livro de monologos, scenas comicas e contos em verso, que o escritor portuense sr. Campos Monteiro acaba



de lançar no mercado, com o titulo de *Musa irónica* e que nos porporciona algumas horas de bom humor, pelo assunto e pela fórma.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

Os CONTOS de

D. JOÃO DA CAMARA

Os «Contos» de D. João da Camara são um livro adorável e esquecido. Resuscitam agora, em 2.^a edição, que por estes dias será posta á venda.



D. João da Camara
(Mascara de C. Craveiro).

D. João da Camara foi nas nossas letras uma figura sem par e a sua morte foi o principio da decadencia do nosso teatro, sem peças e sem autores hoje. Morreu D. João, seguiu-se-lhe Marcelino. Pouco mais resta e do que resta uns calaram-se ha muito, apaticamente, os outros desviaram a sua actividade em trabalhos de outra especie. D. João da Camara faz falta. O seu livro de Contos sae agora novamente, em edição da casa Guimarães & C.^a. O prefacio que hoje publicamos, que é acompanhado de uma longa e completa bibliografia nos Contos, foi escrito expressamente para e-sa edição que constitue assim uma homenagem ao grande dramaturgo e escritor.



João da Camara foi um escritor e essencialmente um escritor de teatro. Ele sabia, como ninguém, fazer o arranjo de cousas comedidas e discretas que não tinham historia e não deixavam profundas impressões. Assim nunca concorreu para o aneurisma, nem faz perder o sono com tragedias e comoções intensas, cavas, arripiantes. Pessoalmente era uma creatura simples, um grande homem com a voz meiga de uma criancinha. Falava sempre baixo, como temesse acordar os gnomos malfazejos, os genios dos destinos torvos e sombrios. Falava baixo e olhava por cima da luneta, tal como o re-

tratou o escultor Silva Gouveia, o fotografo cru da escanzelice do Eça. Era simples e chão. Essa simplicidade despreendida e fidalga levava-o a olhar as dores alheias como suas e muitas vezes lhe deram amargos de algibeira para servir o proximo.

A sua obra é um tudo nada boemia como o seu feitio. Ora panos de Arraz como o *Alcacer-Kibir*, ora chita corriqueira como os versos das coplas de opereta. A sua obra é grande, mas irregular. Todavia, no leilão do esquecimento já o tempo arrematou, e conserva ufano na sua livraria, quatro ou cinco peças que, são outras tantas gemas de precioso brilho.

*Os Velhos,
Alcacer - Kibir,*



O ultimo retrato
de D. João da Camara



A Triste Viuvinha, e mesmo essa Rosa Engeitada. Os Velhos são uma das maravilhas do teatro moderno. Tudo ali é natural, exato, preciso. Tudo ali tem o seu lugar. Nada de recamos, nada de atavios, nada de lantejoulas e rodriguinhos. O seu talento é tão grande como a sua simplicidade. No *Alcacer-Kibir* é ver a sobria eloquencia com que n'uma pagina apenas, ele soube evocar toda a tragedia nefasta da batalha:

ANTONIA

Doidas visões de gloria onde paraes?

D. GUIDO

Em ruina,
Ao sopro assolador da punição divina!
Longos dias, ao sol, pisando um chão de lume,
Caminhámos com fé, sem laivos d'um queixume.
Formada em meia lua a gente moira espera,
Quantos mais, e mais pura a gloria se obti vera!
Investindo co'ardor, bradavamos:—«Victoria!»
Um brado só:—«Ter! ter!» mostrou-nos que illusoria
Persuação nos levára aos campos dos Algarves!
Gente bisonha e pouca entre milhões de alarves!
Cercada, sempre em luta, á doida sem comando...!
A cada moiro em terra aos mil vinham brotando!
Põe fogo uma faisca ás munições...! O estrondo
Da polvora é medonho, á confusão dispondo!
Ah! ver assim nas mãos d'um perro sem temor
A bandeira que ostenta as chagas do Senhor!

CONDE, *anciosamente*

E El-Rei?

A dôr em D. João da Camara não grita, não barafusta, não pragueja, não invectiva. A dôr na sua obra é discreta, envergonhada, chora sempre baixo. As rugidões e os entusiasmos, os transportes embriagantes, o cactus negro do odio, a flor rubra e estridente da revolta, o perfume venenoso do Amor, nada d'isso tem o seu verso, nem a sua prosa. Mas ninguem como ele sabe interpretar a dôr humilde e recatada, as almas tristes, o sofrimento que não sabe descer á rua a chamar espectadores á sua desventura. Ninguem como ele sabe o nome do deminutivo doce, nem tão fielmente interpretar a comoção, que na sua obra é tão suave como o perfume religioso do insenso.

Marcelino Mesquita por



exemplo só sabe sofrer e amar com a violencia de um barbaro. O seu coração é o bronze fino de um sino enorme de um carrilhão. Quando vibra atordoada, esmaga. A cada qual o seu feitio. D. João não é assim. O seu coração é uma *garrida*, melancolica ou festiva. Quando toca ou perfuma ou entristece. Não podem ser eguaes os corações, nem os homens, nem as obras.

Conhecem a sua *Rosa Engeitada*? Pois é a «Manon» e a «Dama das Camélias»

D. GUIDO

Pouco antes de eu cair pude inda vel-o, As mãos em sangue, o rosto em brasa, hirto o cabelo! Tres vezes investi, deixou quatro cavalos Mortos no campo, surdo á voz de seus vassallos. Pediam-lhe a chorar que se rendesse aos moiros... Perguntou-lhe um de nós, chovendo mil peloiros: —«Que faremos que em dôr tamanha nos conforte?» E El-Rei disse:—«Morrer!»

CONDE

E em busca foi da morte?

D. GUIDO

Como um suicida? Não! que tão leal soldado Jámais deu pela patria um sangue mais honrado. El-Rei disse:—«Morrer!» e forte, ao ver chorar, Acrescentou depois:—«Morrer!... mas de vagar!» E lá se foi, correndo, ousado, pelos cerros, Abrindo larga sanja entre os areados perros!»

das alfurjas da Mouraria. D. João immortalizou-a. Ela em troca deu-lhe a coroa de amaranto das ovações populares, como o *Alcacer-Kibir* lhe dera a dos patriotas, e *Os Velhos* a dos artistas.

Se D. João da Camara em lugar de fazer opereta banal, que já esqueceu, tem feito peças de teatro, seria hoje um enorme dramaturgo. Porque o seu teatro, doce ou amargo, é sempre agradável de ver. O riso não é gargalhada, a dôr é apenas magua ou tristeza. Não vem arrancar-nos o nosso coração de espectador violentamente, não. A contribuição que lhe pagamos é voluntaria. E' comungando docemente na sua comoção que agente lhe dá a lagrima ou o sorriso.

Publica-se hoje: a segunda edi-

ção dos seus *Contos*. Bem haja o editor e graças ao publico sejam dadas. E' uma obra simples, humana, natural.

E' que, só o homem, apenas o homem morre. A obra essa fica e paira, milhafre, aguia real ou simples an-



Os autores do «Burro do Sr. Alcaide». — Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro em que se veem representados os autores da letra e musica da popular opereta: Gervasio Lobato, D. João da Camara e Ciriaco Cardoso.

Não se pode falar mais claro nem a linguagem da palavra, nem a fala do coração. E é isso o que nos vale.

dorinha. De ano em ano e de alma em alma ela vae pousar as suas garras ou levar o seu gorgeio.

ÒS CELEBRES

D. João da Câmara morreu. A sua obra ficou. Ficou porque estão aí eternas nas suas paginas as figuras que viveram as suas peças. O Manuel Patacas, o Prior, o Julio e a Emilinha dos Velhos, o D. Fuas, a Maria, a Antonia, o Conde de Ossa do Alcaçer Kibir, o Crisostomo, o Sursumcorda, a Romana e o Conego da Meia Noite, a Nazareth e o João da Alegria da Triste Viuvinha, e a



O celebre da semana

D. João da Camara;

Assi surtido do meu cabedimento
Amanho cuido do leitor;
Nada de fôrça, não d'outra encora;
O melhor é só ler o Supplemento.

Na Meia Noite, peça de talento,
Para um candeieiro de Lourenço
Porque as pessoas têm o desventura
De ler cousas do Vilho Testamento!

E o caso é que se paga o meu drama,
Que ao terminar o peço, meus cantores,
Tambem fiquem bem pouco apitados!

E prezentes depois dos cabedores,
Que mal fôrça a gente, que peccado,
Para evitar a toba dos bucceros!

BELTRINO

das essas, em cortejo, r o n d a - ram a sua ultima noite terrena e todas essas velas para que não se apague o azeite da candeia que ao seu nome está perpetuamente acesa.

Os Con- tos! Pois faz bem lel- los. Leitor a mig o , abre-os, lê-os devagar. Ler um es- critor é re- sar por ele, disse não sei quem. Pois reza ou lê. A almadoes- critor que vive n'essas paginas, rouxi- nol encan- tado, ca- çoula de

Uma curiosa pagina do «Supple- mento do «Seculo», de quando se representou a «Meia-Noite»,



D. João da Camara
Estatueta de Silva Gouveia

Rosa, a po- bre Rosa

engeitada pela sorte,
engeitada pela mãe.

da Rosa En- geitada. To-

sempre vivo perfume, essa pagar - te - ha de sobra, lar- gamente te in- denisará.

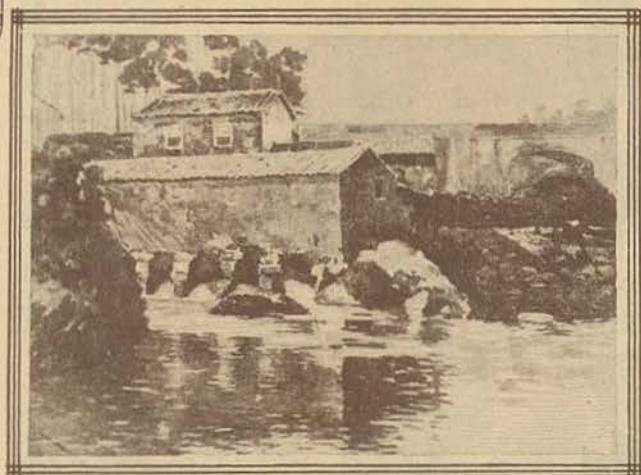
Albino Forjaz
de Sampaio



Uma caricatura infeliz
(Dos «Azulejos»)

AS EXPOSIÇÕES

DE PINTURA: João Marques
DE ROSAS. Moreira da Silva & Filhos
DA BIBLIOTECA N.º: Livros variados



Moinhos no Cavalari (O. de Azemeis)



Casa portuguesa antiga (Pinheiro da Bemposta).

NÃO tem de que se queixar os enteléticos pois tem por onde escolher. Uma exposição de pintura

para os artistas, uma de rosas para os bucolicos e poetas, outra de livros para os sabios. A de

O pintor sr. João Marques

pintura, do sr. João Marques, realizou-se no Salão Bobone e compõe-se de 36 trabalhos, trechos curiosos da paisagem do nosso Portugal. E como a nossa terra de tudo tem, ha n'ela campo e praia, ruas velhas e claustros melancolicos, casas de pescadores e moinhos scismadores. Porque é curiosa e variada esta exposição tem chamado inumeros visitantes.

A grande ex-



Uma rua em Setubal



posição de rosas na Sociedade de Geografia foi um acontecimento sensacional e mais um triunfo para os nossos amigos Albano e Joaquim Moreira da Silva. A Sala Portugal transformou-se n'um jardim surpre-



endente, onde a beleza era flagrante a cada passo dado. O sr. Presidente da Republica, que a visitou, retirou d'ela verdadeiramente encantado.

Por ultimo a exposição de livros, essa é de todas a que mais pezar nos



1. Aspecto da exposição de rosas Moreira da Silva & F.^{os}, na Sala «Portugal» da Sociedade de Geografia
2. O sr. Presidente da Republica e o expositor na exposição de rosas

causa pelo estado a que raras e preciosas especies chegaram em ruina. Todavia, como ella é um grito de protesto e condenação e como representa um desejo de fazer perfeito e conseguir o ideal museu do livro para ella e para os seus organizadores vão todos os nos os louvores. Que a vejam com olhos de ver os que podem remediar e que o façam, que é uma benemerita obrigação.



(«Clichés» Serra Sibeiro)



O sr. Presidente da Republica, presidente do ministerio e ministro da instrução na exposição da Biblioteca Nacional

O morto da semana



D. Francisco Ferreira da Silva, bispo de Siene, prelado de Moçambique, falecido a 9 do corrente.



O Dr. Tavares Festas, director da policia administrativa.

Um aspecto do seu funeral.



O alferes Ruy Ribeiro



(Saíndo do Hospital de Santa Marta).

O funeral do alferes Ruy Ribeiro, que no assalto ao Castelo de S. Jorge, recebeu graves ferimentos.

(«Clichés» Serra Ribeiro)

1—O sr. Martinho Pereira d'Oliveira, importante comerciante.

2—O capitalista e proprietario sr. Manuel de Sousa Brandão, que faleceu ultimamente no Brazil.



PELAS PROVINCIAS

TAMBÉM a vida das provincias é cheia de interesse e também nela ha manifestações bem dignas de registro e elogio. Esta semana temos os ecos das festas do



O carro da Associação dos Operarios Manipuladores de Vidraça e a séde da Associação

1.º de Maio o dia das reivindicações sociais. Na Marinha Grande essas festas deram lugar a um cortejo, de que damos dois aspectos. Um dos carros



Um dos carros alegóricos do cortejo

Casamento elegante. — O 1.º de Maio na Marinha Grande. — O «orfeon» infantil de Montemor-o-Novo

representava um forno de coser vidro, uma fôrma de estender vidraça e todas as ferramentas da profissão em miniatura. N'um dos aspectos vê-se o edificio da Associação de Classe dos Operarios Manipuladores de Cilindros de Vidraria que promoveu as festas.

Em Arco de Baulhe consorciou-se o sr. José Leite da Cunha, muito conhecido na sociedade elegante do Porto e Povia, com a sr.ª D. Emilia de Carvalho Batista, revestindo a cerimonia desusada pompa.

Em Montemor-o-Novo o esforço de algumas creaturas, que ás artes dedicam os seus

ocios, realisou uma obra meritoria que só merece louvores: A formação de um Orfeon infantil, duzentas voses que em comum se estrejaram ha pouco no Circulo Montemorense e que



O sr. José Leite da Cunha e sua noiva D. Emilia de Carvalho Batista (Cliché de Augusto oucassaux)



O sr. Joaquim José Lopes Tavares Junior, director do Circulo Montemorense e organisador do Orfeon infantil



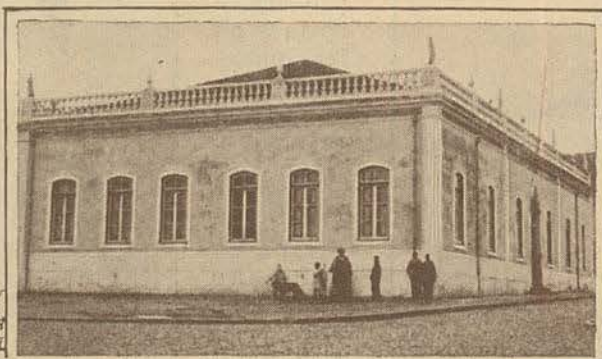
O sr. dr. Agostinho Ferreira que fez a apresentação do Orfeon



O sr. João P. Mineiro, *maestro* e director do Orfeon Infantil

foram justamente encomiadas. E' justo que se encorajem estas iniciativas tão pouco vulgares entre nós.

A de Montemor deve-se aos srs. João P. Mineiro,



Circulo Montemorense onde se estreou o Orfeon Infantil

medida do seu esforço, deu no todo esta linda cousa que é o *Orfeon Infantil*, ideia que devia ser, não ser só estudada com carinho, mas seguida com amor, como se fês na pitoresca vila de Montemor pelo esfor-



Grupo do Orfeon Infantil de Montemor-o-Novo

Joaquim José Lopes Tavares Junior e Dr. Agostinho Ferreira. Cada um, na

ço de meia duzia de bem intencionados, que á sua realização meteram hombros.

ORFEON ACADEMICO DE COIMBRA

Aí vai ele, o Orfeon, cabeleiras e capas ao vento, levar ao lindo norte da terra portugueza, as suas canções...

E' a Academia de Coimbra cheia de entusiasmo, cheia de alegria, repartindo como prodiga, as graças da sua mocidade.

De longada até Vigo, a fidalga Hespanha não perderá as duas oportunidades felizes: testemunhar uma vez mais a sua fidalguia e apreciar a verdade da tradição Coimbra—essa bela tradição de que o Orfeon é um nobre penhor e que o Dr. Elias d'Aguiar, com o seu raro temperamento, transfigurou, no saber da divina arte, em diademas de luz cingindo a fronte veneranda da vetusta Universidade.



Da esquerda, (em linha vertical): Alexandre Metelo Machado (Presidente da tuna), José Cordeto Candetas (2.º secretario), Domingos Braga da Cruz (Tesoureiro), José de Seabra (autor do cartaz), Dr. Antonio das Neves Rodrigues, Manoel de Magalhães Carvalho (Vogaes), Antonio Policarpo (ensaíador), Oltindo Moreira Junior (vice-presidente), Luiz Carlos da Conceição e José Maria Pereira Gens (ensaíadores).

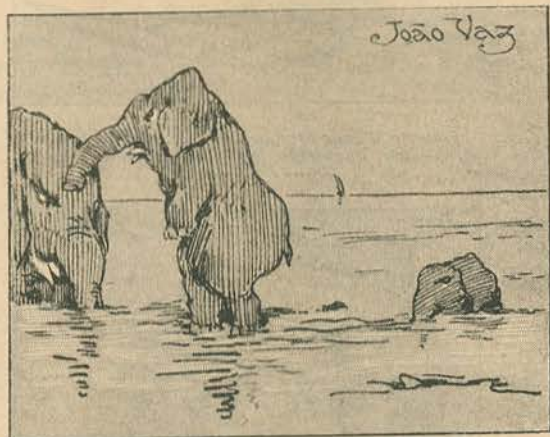
Da direita: José de Barros da Rocha Carneiro (1.º sec.), J. M. Pereira Gens e J. Gonçalves Cerejeira (ensaíadores de naipes), G. Nesolini (regente) P. E. Alves (sec. da tuna), A. Pereira Cota (Tes. da tuna), Elísio de Melo Coelho e José da Cunha Piquatelli (vogaes), D. José Paes de Almeida e Siloa e Jeronimo Luiz da Costa (ensaíadores de naipes).



GRUPO DO ORFEON ACADEMICO DE COIMBRA
No medalhão: O dr. Elias Luiz d'Agular, director técnico do Orfeon e da Tuna Academica.
(«Cliché» da Fot. G. Tinoco, Coimbra).



Exposição da S. N. B. Artes salão cômico por F. Valença e Carlos Simões (continuação)



— Isto de rochedos em «figura... de urso» não será uma «ele... fantasia» do artista?



O chefe de mesa anuncia o jantar e previne os srs. comensaes que os jantares de mesa redonda sdo servidos nas «mesas... quadradas».



«Gabião» montado n'um burrinho de «pau... e corda» para 24 horas, arrasta a aza a uma pomba que toma um semicupio enquanto não chega a época dos «banhos... de igreja»



Promessa à «Senhora... das candelas». Com tanto azeite assim «a arder», restanos temperar a salada com «cera... virgem.»



Peça pirotécnica, «Bouquet» [final], um choro com «foguete... de lágrimas».



Um pastel creme de «rosas... Aranjo». Sa-
bôr e estilo da pastelaria Cócô e recôcô.



Li-lá-ses-e-rosas-n'um-po-ti-cht-nês em louça do
«Japô... e queijo».



Cara paus «vivos... da Costa» («Belmar... pi-
cado») a saltarem da tij'ia para um bôlão de
compota de «ginjas... e peras».



Tintei-ro d'onde brotam «flores... de retórica».
Deve ser adquirido por um escritor de «es-
tilo... floreado».



Carencia de modelos. O artista, na falta de uma
bela Fornarina, contentou-se com esta forneira..
Pintura quente com «atmosfera... de forno».



«Sobre a roupa suja da cidade
O manto «diáfano... da barrela»
Cartaz para a Associação dos Lavadeiras de «Monte-
lavar... e engomar». Na s'ua próxima greve teremos
«bombas... de cloreto e potassa».

(CONTINUA).

1841

1920

EXPORTADORES E IMPORTADORES

Desde o mez de Julho, 1919, que as REVISTAS INTERNACIONAES DE DUN, se publicam alem das edições em ESPANHOL e INGLEZ como até aqui, tambem em PORTUGUEZ e FRANCEZ. Estas quatro edições circularão principalmente nos países seguintes:

EDIÇÃO ESPANHOLA:

Espanha, Filipinas, Antilhas, Mexico, America Central e America do Sul (exceto Brazil).

EDIÇÃO INGLEZA:

Estados Unidos da America, Gran Bretanha e Colonias Britanicas, Holanda, Scandinavia, Indias Holandesas, Japão, China, Islandia, Siberia, Alaska, Hawai e Africa.

EDIÇÃO PORTUGUEZA:

Portugal e suas Colonias, Brazil.

EDIÇÃO FRANCEZA:

França, Belgica, Colonias Francesas, Suissa, Luxemburgo, Italia, Grecia, Russia, Abissinia e Egypto.

Milhares de fabricantes, exportadores e importadores, em virtude da publicidade feita n'estas revistas, teem encontrado o melhor MEIO DE AMPLIAR AS SUAS OPERAÇÕES E ALCANÇAR NOVOS MERCADOS em todos os países.

As 11 Sucursaes proprias da Casa Dun na Peninsula recebem assinaturas para estas Revistas.

Todo o comerciante que se dedica á exportação e importação, interessa-lhe assignar esta revista

R. G. DUN & Co.

Agencia Internacional de informes para o fomento e protecção do commercio, fundada em New York em 1841

247 SUCURSAES NAS 5 PARTES DO MUNDO

A CASA DUN

Unica Agencia de informes Comerciaes que possui ONZE Sucursaes proprias na Peninsula.

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-LISBOA
Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias

1920

1841

AGUAS DE SANTA MARTHA

(ÉRICEIRA)

AS MELHORES DO MUNDO pela sua analyse e resultados obtidos

INFALIVEIS NA CURA DE:

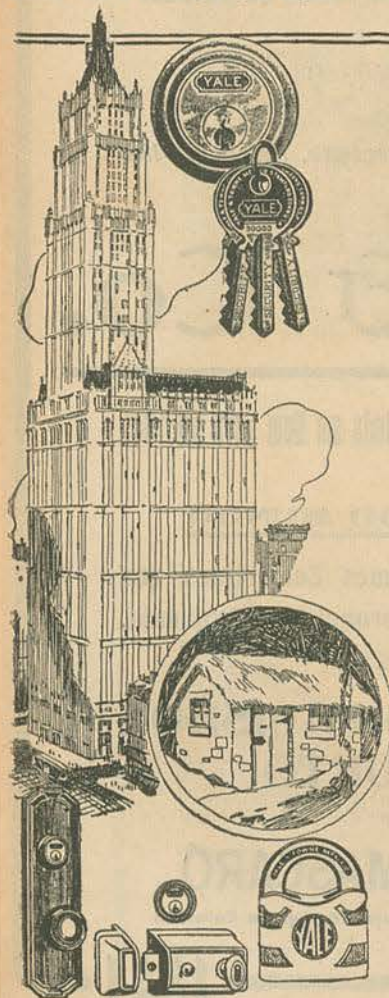
ESTOMAGO, RINS, FIGADO, BEXIGA,
PRISÃO DE VENTRE, HEMORRHOIDAL, UTERO,
PELLE, OBSIDADE, ARTHRITISMO.

Unico purificador natural do sangue. — Lavando-se a pelle com esta agua quente a banho-maria torna-a finissima.

FORNECEM-SE IMPRESSOS PARA USO THERAPEUTICO

Á VENDA EM TODA A PARTE

P-2619-6 in. D. C.-Y. & T.-J. R. Kay Co.



YALE

Na Cabana do Nativo ou "Skyscraper" Gigante

Podeis ir ao "tecto do mundo" e achar na cabana do hindu nas montanhas Himalayah, a sua porta de madeira pesada fechada com um Cadeado Yale

O "tecto do mundo" em Nova York é o Edificio Woolworth, a "skyscraper" gigante que se eleva 57 andares sobre o nivel de Broadway. Tambem está equipada com as Fechaduras Yale e Ferragens para Constructores.

Os productos Yale são de uso universal.

Ficais seguro de uma protecção e satisfação positivas com o producto Yale—desde a fachadura intrincada do banco até o mais pequeno cadeado, Fechadura de Trinco para usar durante a noite, Ferragens para Constructores, bloco de cadeia ou fecho de porta.

Busque-se a marca de fabrica "Yale" em todos elles.

The Yale & Towne Mfg. Co.

Estabelecida em 1868

Nova York E. U. A.

Lêr na proxima quarta-feira o SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (DO SEGULO) — Preço: 4 centavos

Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua Sá da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.

TONIKIM
O ALIMENTO E JUVENTUDE
DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º, E.
— Em BRAGA: Gomes & Matos, Avenida Central, — No BRAZIL, PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 68.

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853 — Sêde no PORTO
(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1918 — Esc. 6:579.529\$26

Dividendo distribuido idem, idem — Esc. 1:394.000\$00

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realisado)

Effectua seguros terrestres, agricolas, industriaes, de automoveis, trespasses, maritimos e de minas. Seguros de vida (em organização).

AGENTES:

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 central

LISBOA

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de L. DA SILVA GRACA, Limitada

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43 — Lisboa

Pão e amor



Na semana da greve padeiral. Um guarda, substituindo os padeiros:
— Ai, Zefa! Agora é que vais ter pão saboroso e bem pesado.
A Zefa, pudibunda:
— Mas não faças nenhum dos tais de forma exquisita, não?



PALESTRA AMENA

GRÉVES

N'este momento, compreendemos a necessidade das gréves. Confessamos que até agora a não compreendíamos, que chegavamos a censurar as gréves, porque eramos vítimas d'elas, embora vítimas indirectas, porque o que o trabalhador pretendia visar era o capital, e de que estamos livres. Pois bem: nunca mais as censuraremos, antes as aprovaremos, ainda que d'elas resulte o termos de andar a pé, o não comermos pão, o não nos vestirmos, etc. etc.

Obedecendo a prescrição medica vemo-nos obrigados a passar dois meses do ano á beira-mar, para o que temos de alugar casa em qualquer praia — e como nos anos anteriores a temos alugado na Figueira da Foz, fazendo o contrato em Maio, para ali passarmos os mezes de Agosto e Setembro, o mesmo fizemos no ano e mês que vão correndo, dirigindo-nos ha dias á referida praia e preparados para um golpe de cento e tantos mil réis, atendendo a que tudo está pela hora da morte, inclusivé o aluguer de casas, já feitas ha muitos anos, isto é, muito antes do encarecimento.

Partimos, chegámos e... pela casa que no ano passado nos tinha custado cento e sessenta escudos, pediram-nos quatrocentos! Percorremos as ruas, visitámos tres ou quatro casas, que estavam para alugar, e a mais barata era de duzentos escudos, com quatro compartimentos acanhadíssimos, sem o minimo desatogo, com frestas em vez de janelas!

Recorrer a outra praia? A jornada seria provavelmente em vão, porque todas teem os seus banhistas habituais e, consequentemente, as casas já devem estar arrendadas.

Ora então, uma gréve de banhistas está naturalmente indicada. Por não se ir um ano ou dois a banhos de mar ninguém morre; se os banhistas fizerem gréve dois anos, os excellentissimos senhores da Figueira da Foz, que com o aluguer de cinco anos pagam o que o prédio lhes custou, com recheio e tudo, não de necessariamente humanisar-se, contentando-se com um modesto juro de 20 por cento ao ano, do capital empregado.

A esses quatrocentos e tantos escudos corresponderão, ao menos, comodidades e distrações que façam dar o dinheiro por bem empregado? Não—o desconforto da casa, a pobreza dos moveis, a pessima agua potavel, a poeirada das ruas, o lixo aos montes, tudo isso faz da Figueira da Foz uma das terras menos convidativas da provincia, acrescento que este ano, o unico atrativo para meninas casadoiras, o Casino Peninsular, ao que nos informaram, talvez nem venha a abrir.

Vai uma grévesinha?

J. Neutral.

Inovações tauromaquicas

Não sabemos se teem reparado que, digam o que disserem os pessimistas, ha entre nós uma arte que está adeantadíssima — é a arte tauromaquica.

Primeiro, porque já temos touradas duplas, com a praça dividida em duas partes, para outros tantos cornupestos, de onde se deduz que amanhã as poderemos ter triplas, quadruplas, etc. sendo até possível que ainda venham a dividir a arena em 12 partes, correndo-se ao mesmo tempo todos os touros destinados á corrida, com manifesta vantagem de tempo, etc.

Segundo, porque a arte tauromaquica está influndo poderosamente no



caracter nacional, melhorando o, como se provou ha quinze dias, na Moita, que pelo modo como recebeu José Cassimiro deu, evidentemente, uma lição de boa educação á capital.

Terceiro, porque é tal a nobreza d'essa arte, a sua superioridade, que os alunos da Escola Medica, pessoas de alta cultura scientifica, a escolheram, pondo de parte qualquer das outras, para exhibirem as suas habilidades.

Por todos estes factos não nos repugna acreditar que, muito em breve, o homem seja destronado da sua elevada posição e o touro passe a ser o rei dos animais.

Veraneio

Em casa das Torres ha grande azafama, porque, segundo o costume, vão passar o mês de junho ao campo. A Torres mãe, recomendando á criada:

— Que não esqueça nada, ouviste?
A criada, arrumando a mala do patrão:

— Meto dois fatos como o ano passado?

— Decerto, para o campo é precis levar a roupa em abundancia, porque se suja muito. Tudo aos pares.

— Quantos pares de meias?
— O' mulher! Dois, já lhe disse!

— Então arranjou casa no campo, D. Balbina?

— Arranjei, D. Eufemia; mas custou-me.

— E tem comodidades?

— Assim, assim.

— Tem autoclismo?

— Eu lhe digo, D. Eufemia: tem 6 compartimentos...

Torre de Chifre

Estrelas

São aos centos, são aos milhares,
Seguindo misterioso trilho
A palpar pelos ares
Com os encantos do seu brilho.

Mas mal vem a madrugada
Desaparecem as estrelas
E no ceu não resta nada
Da luz de nenhuma d'elas.

Ha estrelas na terra tambem
Mas só em duas reparo
São os teus olhos que tem
Um brilhar sereno e raro.

As do ceu desaparecem
Quando chega a luz do dia
As tuas então aparecem
Todas cheias de alegria!

E por isso as quero antes
Do que ás estrelas do ceu,
As tuas são mais brilhantes,
Mais encanto Deus lhes deu.

Artur L. S. Tavares.

O Estado pai

Esta coisa do Estado acudir ás companhias de seguros á custa dos tolos parece que não vai por deante, mas desde já lhes dizemos que achavamos bem o que estava decretado, porque vinha estabelecer um principio de grande alcance, qual era o da maioria contribuir directamente para o bem estar da minoria. Exemplifiquemos:

Os garotos apoquentam-nos na rua



a pedir dez réisinhos para o Santo Antonio, isto é, Santo Antonio precisa de dinheiro. Para que não sejamos apoquentados, que faria o governo? Decretava a obrigação de todo o cidadão português comprar um Santo Antonio de barro e segura-lo em qualquer companhia.

Fiquemos por aqui, antes que ao bico da pena nos acada algum exemplo menos innocente.



Cá está o Marques

O Marques tem um filho quasi tão inteligente como o pai. Imaginem: tem 16 anos e está já habilitado a fazer exame de instrução primaria.

Ora um dia d'estes estava o Marques a explicar historia de Portugal ao pequeno, quando veiu a pêlo o amor de Pedro 1.º por D. Inês de Castro.

— Olha, disse o Marques, a trasladação do cadaver da desditosa, de Coimbra para Alcobaca, foi sumptuosissima. O acompanhamento foi a pé, ai umas 20 leguas!

O petiz:

— Que maçada, com os caminhos como deviam estar n'esse tempo!

— Eu te digo, observou o Marques, provavelmente toda aquela gente seguiu a estrada de macdam...

Barafunda primaria

Não sabemos se o leitor tem filhos, mas dado o caso de estar na idade propria e de bem compreender a sua missão social, tem, com toda a certeza. E se é um bom pai, necessariamente inicia seus filhos nos misterios da instrução primaria, a qual está agora uma d'estas trapalhadas de se lhe tirar o chapéu, segundo deprendemos d'uma entrevista que um nosso reporter acaba de ter com certo professor.

— Tenha a bondade de me dizer se os pequenos teem este ano exame elemental e complementar?

— Com franquesa... Parece que sim, quanto ao elemental, visto que se houver o complementar não se com-



preende que não haja o elemental, pelo principio de que não ha o todo sem a parte.

— Belo. Então, ha exame complementar?

— Ah! isso é que ainda se não sabe. Mas se houver o elemental, é certo que haverá o complementar, porque o elemental compreende apenas elementos...

— De modo que quem tiver um filho...

— O melhor é habilita-lo para a instrução primaria superior.

— Que é isso?

— E... é... é uma primaria secun-

EM FOCO

RAFAEL MARQUES



*Muitos misterios conta a Natureza!
Jesus, o da tristissima jornada,
E' agora Bazan, de capa e espada,
O fidalgo arrogante na pobreza!*

*E já consta com visos de certeza,
Nos centros de cavaco, á rapaziada,
Que o mesmo cidadão não tarda nada,
Que não se mude em Mouró de Veneza!*

*Mas o que mais assombra em tudo isto
E' que Bazan, o nobre castelhanao,
O martir do Calvario, Jesus Cristo,*

*E o mouro ciumento e deshumano,
E' um Marques (ó caso nunca visto)
Como qualquer de nós — um fabiano!*

BELMIRO

daria, isto é, uma primaria superior á primaria, uma coisa que...

— Não compreendo lá muito bem.

— Pois é facilimo de compreender.

Entre a primaria e a secundaria ha a primaria superior, isto é, começa-se pela primaria infima, passa-se á primaria inferior e depois...

— Então posso procurar professor primario para habilitar o meu pequeno á instrução primaria superior?

— Professores primarios, que saibam ensinar isso, não ha; percebe... precisava de muitos conhecimentos... porque a instrução primaria superior é... é...

— Ah! ah! ah!

Este ah! ah! ah! é uma gargalhada do nosso reporter, que n'essa altura da explicação não teve cerebro para mais, e ficou liru.

Fosforos a pataco

Acham caros os fosforos a dois centavos a caixa, ou sejam dois vintens, vinte réis ou um pataco, de ignominiosa memoria? Pois é um ovo por um rial, como se passa a demonstrar.

Primeiro, temos a caixa: Os senhores como não se servem da caixa, mas apenas do conteúdo, não se lembram de que os fosforos se vendem dentro d'uma caixa e de que a caixa custa dinheiro — o qual, por muito pouco que seja, pelo preço a que chegaram a madeira e a mão d'obra, nunca poderá ser menos de um centavo.

Bem. Agora vamos, propriamente ao pavio fosforico. O fosforo, quimicamente falando, é um metaloide hoje muito raro na natureza e, por consequência, carissimo. Ora, cada caixa

de palitos fosforicos tem em média, uns dez com cabeça; as cabeças do fosforo não são menos de tres gramas d'ele, ou sejam seis decigramas para cada um. Ag'ra, vão os senhores a uma farmacia ou a uma drogaria, peçam seis decigramas de massa fosforica e verão quanto lhes custa: um centavo, se não for mais. Dez pavios fosforicos, teem, pois, dez centavos de fosfoso.

Falta calcular a madeira do pavio, que tambem é gente.

Os senhores sabem o preço por



que está a lenha, não sabem? Pois calculemos por baixo, em meio centavo, a lenha necessaria para os dez pavios fosforicos. Temos, se a aritmetica não é uma batata: um centavo, mais dez centavos, mais meio centavo somam, onze centavos e meio, ou, á antiga, cento e dez réis.

Logo a Companhia dos Fosforos vendendo cada caixa a pataco, perde n'ela setenta réis, pelo que o que o leitor tem a fazer é, em vez de se insurgir, ir á séde da dita benemerita entregar, o seu cartão de visita, a agradecer, com muito reconhecimento.

Os novos apreciadores d'arte



Na exposição de Belas-Artes. O esposo, perante o quadro de Salgado, para a esposa:

— Que dizes a este jumento? Está uma perfeição, não te parece?

— Só lhe falta falar!